



O RACISMO NAS REDES SOCIAIS: O PRECONCEITO REAL ASSUMIDO NA VIDA VIRTUAL

RACISM ON SOCIAL NETWORKS: THE REAL BIAS ASSUMED IN VIRTUAL LIFE

Michele Berleze¹
Belinda Silva Pereira²

RESUMO

O presente artigo aborda o racismo nas redes sociais, identificando diversas facetas de como este ocorre, mostrando que a sociedade brasileira carrega essa herança nefasta de discriminação. O racismo constitui um aspecto depreciativo da sociedade brasileira, originado no seio da escravidão e perpetuado pela extrema diferença social existente dentro da população, como se estivesse justificando esta desigualdade. Tem aparecido de forma explícita nas redes sociais, em que as pessoas têm a coragem e o desprazer de falar francamente de suas ideias e preconceitos, ainda que a injúria racial seja crime no País, o que ensejou a produção deste trabalho, através de exemplos coletados no *facebook*. O trabalho consiste em uma pesquisa bibliográfica de natureza qualitativa que denuncia-se esta situação e sonha com uma nova perspectiva, em que tanto na sociedade real como na virtual as pessoas possam reconhecer a importância da diversidade, respeitando o outro em suas características físicas e psicológicas. Não há nada de glorioso em se auto intitular superior. Este comportamento apenas revela a profunda ignorância do ser que em nada contribui para uma sociedade mais justa e igualitária. Isso sem falar na condição do ofendido, que tem a sua autoestima e identidade submetidas a tal tratamento, enfraquecendo sua condição de emancipação. O Brasil tem uma dívida histórica com a população negra. Embora muitos tenham batalhado e conquistado seu espaço, ainda há muito por fazer para que os negros estejam em condição de igualdade. E o preconceito existente somente retarda esta possibilidade.

Palavras-chave: racismo; redes sociais; superação.

ABSTRACT

This article discusses racism in social networks, identifying various facets of how this occurs, showing that Brazilian society carries this disastrous legacy of discrimination. Racism is a derogatory aspect of Brazilian society, originated within the slavery and perpetuated by extreme social difference within the population, as if you were justifying this inequality. Has appeared in an explicit way as happens on social networks, in which people have the courage and the guts to speak frankly of his ideas and prejudices, that the racial slur is crime in the country, which resulted in the production of this work, through examples collected on *facebook*. The work consists of a bibliographical research of qualitative nature that denounced this situation and dreams of a new perspective, both in society as in virtual people can recognize the importance of diversity,

¹ Bacharel em Direito pela Faculdade de Direito de Santa Maria (FAMES). Especialista em Direito de Família e Mediação de Conflitos pela Faculdade Palotina (FAPAS). E-mail: mberleze@bol.com.br.

² Psicóloga clínica pela UFSM. Especialista em Gestão da Organização Pública de Saúde pela UFSM. Especialista em Psicologia do Trabalho e das Organizações pelo Centro Universitário Franciscano. Mestranda em Gerontologia pela UFSM. bellindasp@gmail.com.



respecting each other in their physical and psychological characteristics. There's nothing glorious about titling himself superior. This behavior only reveals the profound ignorance of being that anything contributing to a fairer and more egalitarian society. Not to mention the condition of the offended, your self-esteem and identity subjected to such treatment, weakening your condition of emancipation. The Brazil has a historic debt with the black population. While many have fought and conquered your space, there is still much to do for Blacks are in equal condition. And the existing bias only slows down this possibility.

Keywords: racism; social networks; overcoming.

INTRODUÇÃO

O racismo constitui um aspecto depreciativo da sociedade brasileira, originado no seio da escravidão e perpetuado pela extrema diferença social existente dentro da população, como se estivesse justificando esta desigualdade. Amparado em preconceitos e estereótipos de natureza biológica e cultural, aparece, em muitos casos, de maneira disfarçada, negando oportunidades de trabalho e estudo, de convivência social e de melhoria da qualidade de vida ou até mesmo de forma explícita, como acontece nas redes sociais, em que as pessoas têm a coragem e o desplante de falar francamente de suas ideias e preconceitos, ainda que a injúria racial seja crime no País. Artistas, pessoas famosas ou apresentadores de programas de televisão têm denunciado constantemente este racismo nas redes sociais, o que ensejou a produção deste trabalho, porém com o foco voltado para as pessoas comuns.

Assim, o objetivo deste trabalho consiste em entender como o racismo se prolifera nas redes sociais, procurando, em seguida, apontar caminhos para sua erradicação ou minimização. Este é um debate necessário em uma sociedade que ainda vive o mito da democracia racial, mas que, na verdade, é permeada de preconceitos.

Em um primeiro instante, procurar-se-á identificar as origens do preconceito para desmistificar sua existência. Em seguida, apresenta-se um quadro da presença do racismo nas redes sociais. O terceiro passo consiste em identificar alternativas para solucionar esta questão.

Este estudo consiste em uma pesquisa bibliográfica de natureza qualitativa, ancorada no pressuposto de que o pesquisado pode realizar inferências e impactar a realidade existente a partir de pressupostos existentes na literatura estudada e de novas conexões e interpretações criadas a partir do estudo.



1 DESMISTIFICANDO A IDEIA DE RAÇA E CONCEITUANDO O PRECONCEITO

O racismo parte da ideia de que existem diversas raças humanas, cada uma com suas características específicas e, naturalmente, com algumas superiores às outras. Neste sentido, a primeira proposição deste artigo consiste em explicitar, do ponto de vista biológico e social, que este é um mito que se perpetua erroneamente, necessitando-se, por isto mesmo, que haja a sua desmistificação.

Parte-se, então, da questão biológica para tentar superar este mito. Uma raça, nesse âmbito da ciência, constitui uma subespécie ou uma população de espécie diferente geográfica, morfológica ou geneticamente de outras populações da mesma espécie. O ser humano não apresenta uma quantidade significativa de diferenças para se considerar a existência de diferentes raças, até mesmo porque não existe um consenso a respeito do grau de diferenciação necessária para se chegar a esta conclusão. Além disso, as maiores diferenças se encontram exatamente entre pessoas do mesmo grupo étnico, o que desfavorece a ideia de raça. Seria mais correto, então, falar de grupos sociais, com culturas diferentes ou, como tem sido mais utilizado atualmente, o conceito de etnias³.

Da ideia errônea de raça é que surgiu o racismo, cuja doutrina de superioridade justifica a desumanização dos demais grupos, com base em suas características físicas distintas, valores ou atitudes, gerando os conflitos raciais, que se baseiam mais em estereótipos do que fatos científicos⁴. Mas não se deve esquecer que o racismo, além do seu pressuposto ideológico, sempre esteve fundamentado em atividades econômicas ou de dominação dos povos, como aconteceu com os povos da América Latina, cuja inferioridade justificava a sua escravidão, cujos resquícios permanecem até hoje.

Racismo é o conjunto de teorias e crenças que estabelecem uma hierarquia entre as raças e etnias. É uma doutrina ou sistema político fundado sobre o direito de uma raça (considerada pura ou superior) de

³ HAVILAND, W. et all. **Princípios de antropologia**. São Paulo. Cengage. Learning, 2011. Cap. 8. Características da Cultura. p. 171.

⁴ Ibidem. p. 171.



dominar as outras. Por fim, é um preconceito extremado contra indivíduos pertencentes a uma raça ou etnia diferente, considerada inferior⁵.

Foi a partir da ideia das diferenças biológicas de natureza e constituição do ser humano que se negou algo que é fundamental, a noção de igualdade política e legal, justificando, desta maneira, que se possa escravizar uma determinada população e submetê-la à exploração e maus-tratos. O racismo também perdura e é utilizado como justificativa quando há a possibilidade de libertação destes mesmos escravos, o que conduziria este grupamento, até então visto como coisa e propriedade, à condição de igualdade política e formal⁶.

A sociedade brasileira criou, em sua trajetória histórica, a figura do negro como algo necessário e indesejável ao mesmo tempo, pois servia para alimentar o sistema econômico, mas não podia compartilhar da vida em sociedade, aproveitando os frutos de seu trabalho; aliás, diga-se de passagem, durante muito tempo o próprio trabalho, que depois veio a ser considerado como algo que dignifica o homem em si, era considerado obrigação de “negros” e vergonha absoluta de ser realizado por alguém de “alma branca”. Esta situação foi denunciada por Cardoso já em 1962 e perdura até hoje.

O preconceito de “raça” ou de “cor” era um componente organizatório da sociedade de castas. Nela, porém, a representação do negro como socialmente inferior correspondia tanto a uma situação de fato, como aos valores dominantes na sociedade. (...) era um componente essencial e “natural” do sistema de castas. (...) Apenas lateralmente, apesar da enorme importância desse processo, a função reguladora do preconceito agia no disciplinamento das expectativas e possibilidades de ascensão social: no caso dos mulatos claros livres.

Com a desagregação da ordem servil, que naturalmente antecedeu, como processo, à abolição, foi-se constituindo, pouco a pouco, o “problema negro”, e com ele intensificando-se o preconceito com novo conteúdo. Nesse processo o “preconceito de cor ou de raça” transparece nitidamente na qualidade de representação social que toma arbitrariamente a cor ou outros atributos raciais distinguíveis, reais ou imaginários, como fonte para a seleção de qualidades estereotípáveis⁷.

⁵ MARTINS, Ilton Cesar. **O racismo nas redes sociais: o mundo virtual é feito por pessoas de carne e osso.** Disponível em: <<http://www.vvale.com.br/geral/racismo-redes-sociais>>. Acesso em 12 set.2017.

⁶ GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. Preconceitos de cor e racismo no Brasil. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 47, n. 1, 2004.

⁷ CARDOSO, F. H. **Capitalismo e escravidão no Brasil Meridional.** São Paulo, Difusão Europeia do Livro, 1962. p. 281.



O racismo ganhou a conotação de preconceito racial, ideologia criada para justificar e estabelecer as relações entre grupos distintos dentro da sociedade.

Considera-se como preconceito racial uma disposição (ou atitude) desfavorável, culturalmente condicionada, em relação aos membros de uma população, aos quais se têm como estigmatizados, seja devido à aparência, seja devido a toda ou parte da ascendência étnica que se lhes atribui ou reconhece. Quando o preconceito de raça se exerce em relação à aparência, isto é, quando toma por pretexto para as suas manifestações os traços físicos do indivíduo, a fisionomia, os gestos, o sotaque, diz-se que é de marca; quando basta a suposição de que o indivíduo descende de certo grupo étnico, para que sofra as consequências do preconceito, diz-se que é de origem⁸.

Para disfarçar esta realidade de preconceito e exclusão, criou-se o mito da democracia racial, segundo o qual, no Brasil, haveria uma ausência do preconceito e da democracia racial e, por isso mesmo, a existência de oportunidades econômicas e sociais para negros e brancos. O mito da democracia racial foi criado com base em interpretações da obra de Gilberto Freire - Casa Grande e Senzala - e apontava a existência de oportunidades econômicas e sociais para negros e brancos, o que também foi desmistificado por estatísticas, visto que os negros percebem, em média, salários menores que os brancos e não possuem as mesmas chances de acesso aos estudos, como se vê nas universidades, principalmente públicas cujos estudantes são de maioria branca⁹ (SILVA, 2015).

RACISMO NAS REDES SOCIAIS: A FACE ESTARRECEDORA DE UM PRECONCEITO DISSIMULADO NA VIDA REAL

O desenvolvimento da tecnologia de comunicações permitiu a criação da rede mundial de computadores e, com ela, as redes sociais, que se constituem de interfaces criadas virtualmente para conectar pessoas, grupos e empresas que partilham um objetivo comum, o de se comunicar, partilhar interesses e divulgar ideias, produtos e serviços. Toda

⁸ NOGUEIRA, O. Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem - sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil. QUEIROZ, T. A. **Tanto preto quanto branco: estudos de relações raciais**. São Paulo, Edusp, 1988. pp. 78-9.

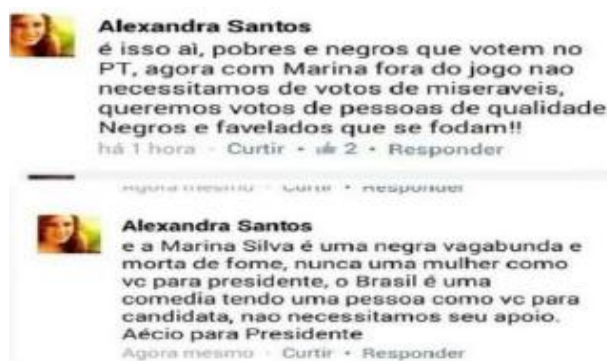
⁹ SILVA, Mateus Lôbo de Aquino Moura. Casa Grande e Senzala e o mito da democracia racial. **39º Encontro Anual da ANPOCS**. Caxambu, MG, 2015.



rede social permite a criação de um perfil do usuário e de relações que este estabelece com quem deseja se comunicar. As redes sociais também permitem a criação de grupos específicos que compartilham um projeto de identidade, uma visão de mundo e, igualmente, dos preconceitos que estas pessoas têm em comum. Assim como no mundo real, no mundo virtual, as pessoas expõem a sua opinião sobre os mais diferentes assuntos da humanidade, incluindo temas como racismo e discriminação¹⁰.

Todos sabemos que não é de hoje que as redes sociais têm servido de palanque para que pessoas vomitem preconceito e ódio. Igualmente sabemos que as denúncias e punições, no entanto, não parecem fazer frear a necessidade de muitos usuários das redes sociais de exporem os seus preconceitos, como demonstra mais este caso. O que antes era dito dentro de um círculo pessoal, ou entre familiares, agora é colocado na rede sem qualquer constrangimento, como se não fugisse da normalidade. Ou seja, nos últimos anos a internet tem constituído um espaço privilegiado para a prática de crimes de ódio, em especial o racismo¹¹.

Nos comentários a seguir, identificaram-se vários momentos em que há comentários racistas nas redes sociais. Na figura abaixo, há uma relação entre negros e vagabundos, decorrente da candidatura de Marina Silva para Presidente.



Fonte: Facebook

Pelo que se depreende dos comentários acima, há o entendimento de que uma mulher negra não poderia ser candidata a presidente por não representar o estereótipo de alguém que deveria representar e governar o brasileiro. Deve-se lembrar que este mesmo

¹⁰ BARCELOS, Gilmara Teixeira; PASSERINO, Liliana Maria; BEHAR, Patrícia Alejandra. Redes sociais e comunidades: definições, classificações e relações. **CINTED-UFRGS, Novas Tecnologias na Educação**, v. 8, n. 2, jul. 2010. p. 1.

¹¹ MARTINS, Ilton Cesar. OP. cit.



8 a 10 de novembro de 2017 - Santa Maria / RS

UFSM - Universidade Federal de Santa Maria

tipo de preconceito foi utilizado contra o ex-presidente Lula. Na figura a seguir, um jovem que fala da prova do ENEM desperta ódio por estar apenas fazendo aquilo que todo estudante deveria estar fazendo, pensando no seu futuro.



Fonte: Facebook

Os comentários acima revelam uma outra face do racismo, que está ligado à falta de oportunidades para os jovens negros nas faculdades e a discussão sobre as quotas. Também relaciona a posse de um dispositivo móvel como resultado de um furto por parte do ofendido, como se este não pudesse trabalhar para comprar. O racismo também atinge pessoas famosas, como é o caso da jornalista Maria Júlia Coutinho, que tem sido constantemente ofendida ao apresentar a previsão do tempo no Jornal Nacional.



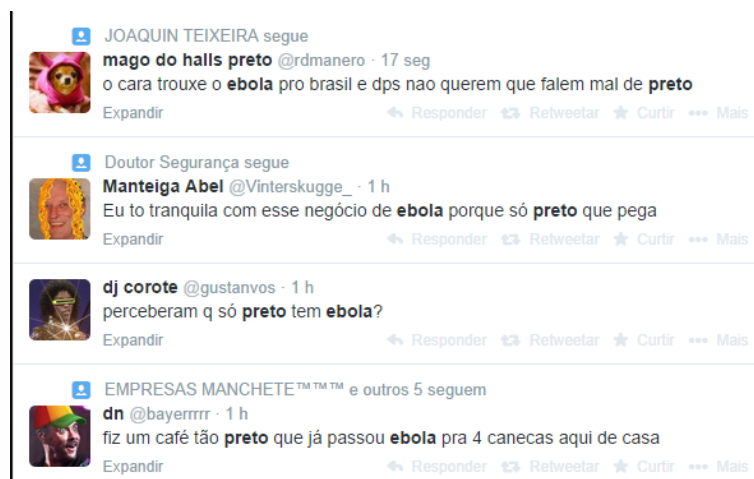


8 a 10 de novembro de 2017 - Santa Maria / RS

UFSM - Universidade Federal de Santa Maria

Fonte: Facebook

O ataque à apresentadora evidenciou outra faceta do racismo, a de que negros não podem estar presentes nas redes de televisão como profissionais, visto que supostamente não estariam qualificados para tal. Observa-se que ofensa é pejorativa em relação à cor da pessoa e não ao trabalho que executa. No Post a seguir, os internautas relacionam a epidemia do ebola, doença contagiosa, com a existência dos negros.



Fonte: Facebook



8 a 10 de novembro de 2017 - Santa Maria / RS

UFSM - Universidade Federal de Santa Maria

O racismo também se notabiliza por relacionar a transmissão de doenças com a população negra, como é o caso do ebola, cujo paciente tem origem africana. Neste caso, a desinformação colabora com o preconceito, visto que esta doença teve sua epidemia naquele continente, mas não é associada pelos cientistas com a cor da pele. A prova disto é que pessoas brancas que estavam trabalhando na região também foram contaminadas. No post abaixo, um jogador de futebol é expressamente comparado com a figura de um macaco.



Fonte: Facebook

Este caso não é isolado. Tem sido comum, nos estádios, jogadores negros, comparados com macacos. Alguns torcedores chegam a jogar bananas no gramado, demonstrando todo o seu preconceito. O post a seguir compara uma mulher branca como uma negra, dizendo que a primeira é um sonho e a segunda um pesadelo.



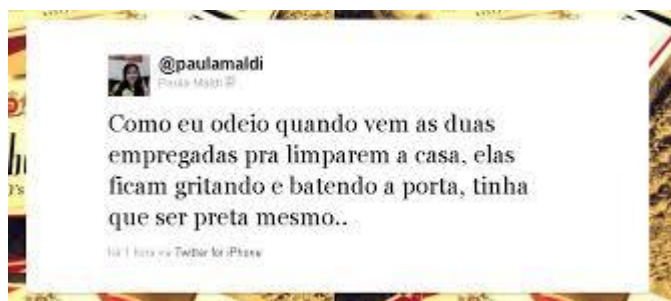
Fonte: Facebook



8 a 10 de novembro de 2017 - Santa Maria / RS

UFSM - Universidade Federal de Santa Maria

Percebe-se aqui outra dimensão do racismo, que cultua a beleza da mulher branca enquanto despreza a singularidade da mulher negra. Este posicionamento constitui o resultado de anos da supremacia branca nos programas de televisão, principalmente naqueles que valorizam a beleza feminina. No post seguinte, relaciona-se a mulher negra com a profissão de empregada, exemplificando aquilo que seu autor considera como maus hábitos.



Fonte: Facebook

As empregadas domésticas têm sido evidenciadas como negras, esta é uma relação que foi estereotipada pelas novelas na televisão brasileira durante muito tempo. Somente há pouco tempo, as negras passaram a ocupar outros papéis mais relevantes. O post abaixo mostra o ódio do internauta pelo fato de um menino negro ter conseguido uma oportunidade na televisão.



Fonte: Facebook

O negro na televisão mostrou o ódio do internauta por entender que seu padrão de beleza é superior a aquele que conseguiu o papel; Da mesma forma, no



Juliana Pereira
@julianapereira0

Credooooo! A Miss Piaui tem cara de empregadinha, cara comum, não tem perfil de miss, não era pra ta ai. Sorry. #MissBrasil #MissBrasil2017

12:25 AM · 20 ago 17

Fonte: Facebook

Os *post* selecionados neste artigo mostram como o racismo é forte nas redes sociais, desmistificando a ideia de democracia racial e evidenciando que o preconceito real, vivido pelos negros no seu dia a dia, que os impede, em muitos casos, de ter acesso a oportunidades econômicas e sociais, viraliza no mundo virtual. É notória a ideia de que não haverá punição a este tipo de comentário na rede que se pretende livre e democrática.

Há diversos caminhos para se combater o racismo dentro das redes sociais. Um passo importante é a consagração de uma legislação que puna o agressor e obrigue as redes sociais a fornecer os dados de quem promove a discriminação. Em vários casos, já houve a punição dos agressores através destas medidas. As leis existem, mas é preciso uma interpretação mais dura por parte dos seus operadores no sentido de punir os responsáveis. Outro caminho é a educação, em todos os níveis, no sentido de combater as manifestações de racismo e preconceito, inserindo nas crianças, desde cedo, o respeito à diversidade e admiração pela existência de uma beleza contida na própria miscigenação ética, pois o Brasil é um país lindo e culturalmente amplo devido à sua diversidade¹².

CONCLUSÃO

O racismo no Brasil é um fato histórico-social fundado na necessidade de a elite dominante perpetuar o seu poder, tanto durante a escravidão quanto depois dela, justificando um preconceito que se fundamenta somente em estereótipos, mas que ganha força quando o sujeito pretende se diferenciar e aumentar a sua autoestima pela

¹² MARTINS, Ilton Cesar. Op. cit.



degradação do outro. Além disto, este preconceito serve a inúmeras formas de exploração, enraizadas nesta suposta supremacia racial, ainda que haja um discurso de igualdade através da democracia racial.

As redes sociais espelham este preconceito e as pessoas negras e pardas são continuamente xingadas, ofendidas, humilhadas pelos seus pares, constituindo-se a injúria racial, apesar de ser crime, um lado perverso de uma sociedade que se democratiza a cada dia. Não falamos apenas de nomes famosos, artistas ou apresentadores de programas de televisão (que possuem recursos para contrapor estas ofensas), mas de pessoas consideradas comuns, que são obrigadas a ver e ouvir toda sorte de xingamentos simplesmente porque tem a pele escura, o cabelo encaracolado ou outras características étnicas.

Denuncia-se esta situação e sonha-se com uma nova perspectiva, em que tanto na sociedade real como na virtual as pessoas possam reconhecer a importância da diversidade, respeitando o outro em suas características físicas e psicológicas. Não há nada de glorioso em se auto intitular superior. Este comportamento apenas revela a profunda ignorância do ser que em nada contribui para uma sociedade mais justa e igualitária. Isso sem falar na condição do ofendido, que tem a sua autoestima e identidade submetidas a tal tratamento, enfraquecendo sua condição de emancipação.

O Brasil tem uma dívida histórica com a população negra, que viveu quase quatrocentos anos como objeto de trabalho e troca e que, de uma hora para outra, com a libertação, foi jogada na mais pura miséria. Ainda que muitos tenham batalhado e conquistado seu espaço, ainda há muito por fazer para que os negros estejam em condição de igualdade para com os brancos. E o preconceito existente somente retarda esta possibilidade.

REFERÊNCIAS

BARCELOS, Gilmara Teixeira; PASSERINO, Liliana Maria; BEHAR, Patrícia Alejandra. Redes sociais e comunidades: definições, classificações e relações. **CINTED-UFRGS, Novas Tecnologias na Educação**, v. 8, n. 2, jul. 2010.

CARDOSO, F. H. **Capitalismo e escravidão no Brasil Meridional**. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1962.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. Preconceitos de cor e racismo no Brasil. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 47, n. 1, 2004.



HAVILAND, W. et all. **Princípios de antropologia**. São Paulo. Cengage. Learning, 2011. Cap. 8. Características da Cultura.

MARTINS, Ilton Cesar. **O racismo nas redes sociais**: o mundo virtual é feito por pessoas de carne e osso. Disponível em: <<http://www.vvale.com.br/geral/racismo-redes-sociais>>. Acesso em 12 set.2017.

NOGUEIRA, O. Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem - sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil. QUEIROZ, T. A. **Tanto preto quanto branco**: estudos de relações raciais. São Paulo, Edusp, 1988.

SILVA, Mateus Lôbo de Aquino Moura. Casa Grande e Senzala e o mito da democracia racial. **39º Encontro Anual da ANPOCS**. Caxambu, MG, 2015.